

Estimados Companheiros e Companheiras,

Transmito a calorosa saudação da CTB ao 4º Congresso da Pame.

Vivemos tempos de crise, adversidades e grandes desafios. Assiste-se em todo o mundo a radicalização da luta de classes e dos conflitos internacionais fomentados pelo imperialismo.

No Brasil sofremos agora os efeitos do golpe travestido de impeachment da presidenta Dilma, aplicado por uma quadrilha de políticos corruptos e reacionários, com apoio da mídia capitalista, para servir os interesses das velhas classes dominantes: a aristocracia financeira internacional, que comanda o sistema imperialista, a burguesia nacional, que não poupou esforços e recursos a favor do impeachment, os latifundiários.

O golpe atende em primeiro lugar aos interesses geopolíticos e econômicos dos Estados Unidos. Faz parte da grande onda conservadora que invadiu a América Latina e o Caribe nos últimos anos e ameaça reverter o ciclo político progressista iniciado na região no alvorecer do século 21, que se expressou em fatos como a rejeição da ALCA, a criação da ALBA, da Unasul e da Celac, a ampliação do Mercosul.

A reversão da política externa brasileira, agora hostil à integração regional e submissa aos desígnios de Washington, é uma das infames obras dos golpistas.

Os EUA ganharão também com a mudança das regras de exploração do chamado pré-sal, feita sob encomenda da multinacional Chevron com o propósito de reduzir a participação da Petrobras e entregar o petróleo brasileiro aos monopólios estrangeiras. Entende-se por pré-sal o petróleo depositado nas profundezas do oceano, onde foram descobertas pela estatal brasileira reservas estimadas em 176 bilhões de barris. Hoje já se extrai diariamente mais de 1 milhão de barris desta fonte.

Os governos Lula e Dilma, apesar de suas limitações e equívocos, promoveram uma política externa soberana, pautada pela integração regional, que já não batia continência para o império e estava perfeitamente alinhada com as forças progressistas do continente. Realizaram também um conjunto de políticas sociais que favoreceram a classe trabalhadora, com destaque para a política de valorização do salário mínimo.

Os avanços registrados ao longo dos últimos anos estão sendo revertidos e devastados pelo governo ilegítimo, que assumiu com o compromisso, selado com a burguesia e os magnatas do agronegócio, de aplicar “medidas duras” e “antipopulares”. Suas principais vítimas são a classe trabalhadora, o povo pobre, o campesinato, os pequenos produtores do campo e das cidades.

O pacote golpista começa por um ajuste fiscal rigoroso e danoso para os serviços públicos, o funcionalismo e a Previdência. Consta do cardápio ofertado à burguesia uma reforma trabalhista que ameaça conquistas e direitos históricos como férias de 30 dias, 13º salário, jornada de 44 horas semanais, licença maternidade, entre outros.

Acena-se também com uma “reforma previdenciária” que amplia em pelo menos 10 anos o tempo de trabalho e contribuição antes da aposentadoria.

Temos consciência de que o pano de fundo desses acontecimentos que sacodem o Brasil e a América Latina é a crise global do capitalismo, que combina ingredientes econômicos, geopolíticos e ambientais e se arrasta há mais de oito anos. Em seu curso percebe-se o acirramento de todas as contradições do sistema, dos conflitos internacionais fomentados pelos EUA e seus aliados, das agressões e da espoliação imperialista, o fortalecimento da extrema direita, o desemprego em massa, a radicalização da luta de classes em todas as suas formas, uma nova corrida armamentista e o ressurgimento dos riscos de uma terceira e derradeira guerra mundial.

É generalizada, nos países capitalistas, uma feroz ofensiva do capital contra o trabalho. Governos a soldo do patronato querem suprimir ou flexibilizar direitos e dismantlar as redes de seguridade social, onde existem. Almejam jogar todo o ônus das turbulências que sacodem a sociedade burguesa sobre as costas da classe trabalhadora.

A saída burguesa-capitalista para a crise consiste em redobrar a dose de neoliberalismo, cortar investimentos públicos, exacerbar a exploração do trabalho e a opressão das nações mais pobres pelas potências imperialistas. A Grécia é uma das maiores vítimas desta política criminosa, à qual a classe trabalhadora, sob a liderança da Pame, vem resistindo energicamente.

Neste rumo, o mundo caminha celeremente para a barbárie, com economias estagnadas, com crescimento exponencial dos refugiados, com o Mediterrâneo transformado em cemitério de imigrantes desesperados, com a construção de muros para separar os povos, com provocações e crescentes tensões no Mar da China, com a generalização dos golpes coloridos e a tentativa de recolonizar os países da periferia.

São imensos os desafios que emergem nesse cenário de adversidades para as forças progressistas e o sindicalismo classista. A experiência histórica vai mostrando que não haverá um desfecho positivo para a crise nos marcos do capitalismo. É hora de reiterar e renovar a luta pelo socialismo.

No Brasil nosso caminho é o da resistência e da luta sem quartéis em defesa dos direitos da classe trabalhadora, da democracia, da soberania nacional e da integração latino-americana e caribenha, bem como dos povos e nações oprimidas em todo o mundo.

Os movimentos sociais têm ocupado diuturnamente as ruas contra o governo golpista e o retrocesso neoliberal. A CTB participa ativamente dessas manifestações com a certeza de que, no final, a vitória será do povo.

Abaixo o sistema capitalista-imperialista!

Viva o Socialismo!

Viva a CTB!

Viva a Pame!

Muito obrigado!